

### SOLILÓQUIO 3

O macho é sujo, os homens não tomam banho, eles deixam a sujeira e os líquidos repugnantes das secreções se acumularem neles, e eles nem tocam nelas, como se fosse tudo muito precioso. Os homens não sentem o cheiro deles entre eles mesmos porque todos têm o mesmo cheiro. É por isso que eles estão sempre juntos, e que eles ficam com as putas, porque as putas, por dinheiro, aguentam esse cheiro. Eu lavei tanto essa menina. Dei tanto banho antes do jantar, e dei banho de manhã. Esfreguei as costas e as mãos com escova, e escovei embaixo das unhas, lavei todos os dias os cabelos dela, cortei as unhas, lavei ela toda, todos os dias com água quente e sabão. Eu a conservei branca como uma pomba, eu alisei suas plumas como uma rolinha. Eu a protegi e a coloquei dentro de uma gaiola sempre limpa para que ela não sujasse sua brancura imaculada ao contato com a sujeira desse mundo, com a sujeira dos machos. Para que ela não se deixasse empestear pela peste do cheiro de macho. E foi o seu próprio irmão, esse rato entre os ratos, esse porco fedorento, esse macho depravado que a sujou e arrastou na lama, puxando-a pelos cabelos até a sua fossa. Eu devia tê-lo matado, devia tê-lo envenenado, devia tê-lo impedido de ficar rodeando a gaiola da minha rolinha. Devia ter colocado arame farpado em volta da gaiola do meu amor. Eu devia ter esmagado esse rato com o pé e queimado na frigideira. *(Tempo.)* Tudo é sujo, aqui. Essa cidade toda é suja e cheia de machos. Que chova, que chova muito, que a chuva lave um pouco a minha rolinha na fossa imunda onde ela está.

(Roberto Zucco, Bernard-Marie Koltès)